



FERNANDA CRAVIDÃO
LÚCIO CUNHA
PAULA SANTANA
NORBERTO SANTOS
(ORG.)

IMPRESA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA
UNIVERSITY
PRESS

ESPAÇOS E TEMPOS EM GEOGRAFIA

HOMENAGEM A
ANTÓNIO GAMA

DESCONSTRUÇÕES RECONSTRUÍDAS SOBRE O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO. PERSPETIVAS GEOGRÁFICAS EM TERRITÓRIOS LITERÁRIOS

Fátima Velez de Castro/velezcastro@fl.uc.pt

Departamento de Geografia e Turismo/CEGOT
da Universidade de Coimbra

Introdução: notas para uma geografia do envelhecimento

Nos últimos tempos, o tema do envelhecimento tem vindo a ganhar um destaque sem precedentes no âmbito da investigação científica em Ciências Sociais. O programa europeu “Horizonte 2020” (2014-2020), o qual financiará no futuro próximo projetos de investigação e inovação científica, tem como um dos principais pilares a abordagem de desafios sociais, onde destaca a temática do envelhecimento populacional. Tal não é alheio ao facto de as estatísticas demográficas revelarem que a sociedade contemporânea está, por um lado, a evidenciar o declínio da população jovem, fruto de uma taxa de natalidade/fecundidade cada vez mais baixa; por outro, o aumento do contingente da população idosa, resultante do alargamento da esperança média de vida. Em suma, nasce-se menos e vive-se mais.

Este panorama tem criado preocupação nos governos dos países desenvolvidos, que se veem confrontados com a falência do sistema de segurança social, referente à sustentabilidade das pensões, uma vez que, se o padrão demográfico actual não se inverter, ou pelo menos alterar em determinados indicadores –

natalidade/fecundidade - estará em causa o bem-estar de um grupo populacional que, por direito, poderá não ter acesso à sua reforma e por conseguinte a bens e serviços essenciais (Eurobarometer, 2011; Rosa, 2012).

A ONG HelpAge International¹ (2016) publicou recentemente o *Global Age Watch Index 2015*, um relatório que pela primeira vez apresentou um índice cujo cálculo se baseou na utilização de indicadores de bem-estar social e económico dos idosos². Foram 4 os domínios em causa:

- 1) Ganhos fixos – Valor das pensões, rácio de pobreza na velhice, bem-estar dos idosos, PIB *per capita*;
- 2) Estado de saúde – Esperança média de vida aos 60 anos;
- 3) Emprego e educação – Emprego de idosos, grau académico dos idosos;
- 4) Ambiente quotidiano – Contactos sociais, segurança física, liberdade cívica, acesso aos transportes públicos.

No fundo tratou de analisar este grupo social sob o ponto de vista da vertente material, pelo conhecimento da disponibilidade financeira, assim como da imaterial, pelo conhecimento das competências pessoais e das relações sociais.

O resultado mais evidente deste estudo é o de que já fazemos parte de um mundo envelhecido e que no futuro terá tendência a envelhecer ainda mais, com algumas exceções regionais (países do centro do continente africano; a oriente o Iémen e o Afeganistão). Em 2012, 11% da população mundial tinha mais de 60 anos; em 2030 prevê-se que esse valor seja de 16%; em 2050 esse valor ascenderá aos 22%. Refira-se ainda que nesta mesma data se espera que cerca de 60 países do mundo vejam as suas sociedades constituídas por 30% ou mais de população com 60 anos ou mais. Uma análise à escala regional permite perceber que estes valores médios indicativos se revelam díspares face a diferentes realidades socioterritoriais. Em 2050 África será o continente

¹ Esta ONG tem como objetivo ajudar os idosos a reclamar pelos seus direitos e a lutar contra situações de discriminação e de pobreza, para que possam viver dignamente, seguros, ativos e com saúde. Desenvolve atividades em 65 países.

² O índice varia entre 1 (elevada qualidade de vida) e 96 (baixa qualidade de vida).

com menor contingente de população com 60 anos ou mais (10%), seguido da Ásia, América e Oceânia (25%, respetivamente). A Europa chegará perto dos 40%.

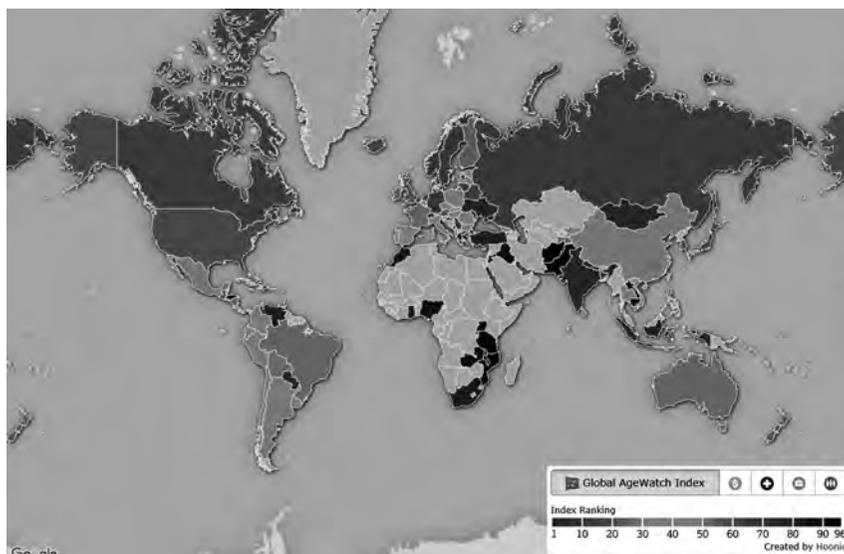


Figura 1
Cartografia do ranking de países do Global Age Watch Index (2015)

Fonte: HelpAge International (2016)

Em Portugal, Leão, *et al.* (2010) estimam que em 2060, o índice de envelhecimento³ seja muito elevado, ou seja, haverá 271 idosos por cada 100 jovens. Estas autoras chamam a atenção para o facto desta projecção poder ser alterada, caso haja uma transformação do comportamento dos indicadores de crescimento efetivo, nomeadamente dos que permitem o aumento de efetivos – a natalidade e a imigração. Lutz e Scherbov (2008) defendem que, no caso europeu, os governos devem ponderar a aplicação de políticas migratórias, tendo em conta a necessidade de imigrantes para suprir as lacunas de população

³ Relação entre o número de idosos e o de jovens.

autóctone. Em 2013 a população total da UE28 era de 505.730.473 habitantes (Eurostat, 2013). Em 2050 esse valor recuará para aproximadamente 413 milhões, se os fluxos migratórios diminuïrem; se estes continuarem, ainda assim o recuo populacional poderá não ser tão grande, pelo que a população europeia se poderá constituir por 460 milhões de habitantes.

Em síntese, as principais projeções dão conta que o futuro das sociedades, de uma forma geral, passará pelo envelhecimento das suas populações, com todos os desafios que esse facto acarretará. Tendo em conta a complexidade do fenómeno, urge fazer uma breve reflexão sobre o que se considera ao certo como sendo “envelhecimento”, conceito este baseado num outro cuja objetividade e relatividade em muito se cruzam: a idade.

Desconstrução conceptológica sobre a idade

Perante a questão “o que é a idade?”, do ponto de vista da Geografia Social, Pain, *et al.* (2001) defendem que se trata de uma série cronológica em que se podem agrupar os indivíduos, partindo do princípio de que a partilha de determinadas idades está relacionada com a partilha de experiências similares. Não se vivem por isso ciclos de vida (evolução de carácter estático e contínuo), mas antes estádios/fases de vida, significando que os indivíduos que partilham a mesma idade (biológica) podem ter experiências de vida completamente diferentes umas das outras, e portanto apresentarem características diferenciadoras. A estes se associam a infância, a meia-idade e a velhice, sendo que não há limites estáticos em termos de definições etárias.

Do ponto de vista social e cultural, estes autores afirmam que no que diz respeito aos idosos e ao envelhecimento, há um discurso ambivalente, por um lado positivo (por exemplo, moda para idosos, reformas ativas com as universidades seniores), por outro negativo (associado ao declínio físico e mental, dependência, isolamento social, confinamento a certos espaços). Em algumas sociedades, por exemplo africanas, os idosos são anciãos respeitáveis, tomam

decisões coletivas (embora sendo “jovens” do ponto de vista do contexto ocidental), mas também a ideia de “criança” se altera, começando-se a ser produtivo muito cedo. Sobre a necessidade de se categorizar a idade, Laws (1994) refere: “We wear labels that other people assign us, with or without our knowledge and/or our consent” (Laws, 1994: 789).

Pain, *et al.* (2001), assim como Fonseca (2006) assumem que a idade deve ser entendida sob vários pontos de vista, daí que distingam três tipos etários:

- a) Idade cronológica ou biológica – Refere-se ao número de anos vividos, ou seja aos sistemas vitais do organismo humano. Cada país tem idades limites para determinadas situações (entrada na escola, carta de condução, votação, responsabilidade criminal, casamento, consentimento de relações sexuais, idade de reforma, de trabalho, etc.). Nas sociedades pré-modernas não havia o sentimento de exclusão dos idosos, porque estes trabalhavam praticamente até ao fim da vida, por isso eram sempre ativos. Isso agora também acontece (trabalho voluntário, cuidado dos netos, serviço doméstico) só que não é reconhecido porque não se trata de atividades formalizadas e remuneradas.
- b) Idade psicológica – Refere-se às capacidades de natureza psicológica que os indivíduos utilizam para se adaptarem às mudanças. Envolve o estado de saúde, de *fitness* e visível aparência do corpo, fruto também da grande pressão para que este não envelheça.
- c) Idade social – Conjunto de crenças, atitudes e papéis desempenhados sobre as capacidades das pessoas de diferentes idades e o comportamento social e espacial apropriado/esperado.

Perante esta reflexão, destaca-se a importância da análise da idade e do envelhecimento relacionado com o corpo, fruto das exigências sociais, de índole coletivo, mas também numa perspectiva individual, derivado de uma maior noção/conhecimentos dos indivíduos sobre si mesmos e sobre as suas capacidades e aspirações.

A idade e as geografias do corpo

Valentine (2001) refere que os geógrafos se têm focado no corpo como um espaço, citando Rich (1986), que o considera como *the geography closest in* – a geografia mais próxima do indivíduo, a geografia íntima. O corpo marca uma fronteira entre o espaço individual e o espaço comunitário, sendo que o primeiro faz ligação com outros territórios através de sensações. É a localização primeira através da qual são constituídas as identidades sociais, que se baseiam no género, raça, idade e capacidades para excluir ou incluir indivíduos em diferentes categorias sociais. O corpo também é lugar de luta e de contestação pela forma como o usamos, como se desloca, como estabelece a relação com o agregado familiar, a comunidade, a globalidade.

As sociedades ocidentais (séc. xx) caracterizam-se pelo crescimento do consumo em massa, pela democratização da cultura, pelo declínio da moralidade religiosa, e por uma ênfase da filosofia hedonista. Neste contexto o corpo ganha importância na sua identidade individual, pois há uma maior preocupação com a sua imagem, com o seu aspecto, daí que haja uma necessidade de reconstrução, em termos estéticos (pela cirurgia plástica, tratamentos de laser, lipoaspiração, *bodybuilding*, *bodymodification*); de saúde (procura de acompanhamento para doenças como o cancro ou diabetes, etc.); em ambas as componentes (controlo do peso, não fumar ou beber em excesso, etc.)

Segundo esta autora, na sociedade ocidental contemporânea, é suposto sermos vigilantes quanto ao tamanho, forma e aparência do corpo, disciplinando-nos para produzir corpos culturalmente desejáveis, pois falhar na manutenção de um corpo esbelto e jovem, é entendido como uma fraqueza pessoal mas também moral. Considera a aparência corporal essencial para as oportunidades de vida: pessoas com excesso de peso são normalmente estereotipadas como indulgentes, preguiçosas, desleixadas.

O corpo é, por isso, marcado por normas sociais e expectativas que influenciam aquilo que se “pode ou não fazer em determinada idade”, “pode ou não usar”, “pode ou não vestir”. Por exemplo, na menopausa, uma mulher não é tida como apta para cuidar de um filho, porém é tida como apta para cuidar de

dependentes (por exemplo, dos pais idosos). As expectativas quanto à idade do corpo não são tanto limitadas pela biologia, mas antes construídas socialmente através de práticas variáveis no tempo e no espaço, o que limita as oportunidades, estrutura as experiências coletivas, condicionando a dimensão espacial.

Supõe-se que a vida tenha uma sequência linear: na infância e adolescência estuda-se; na juventude e idade adulta trabalha-se; na velhice goza-se a reforma. Isto gera a criação de estereótipos e de formas de discriminação, baseadas na assunção de características associadas ao corpo em relação com a idade – o *ageism*. Especificamente no que diz respeito aos idosos, em certas culturas adquirem um estatuto privilegiado de “anciãos”, sendo respeitados pela sua experiência e sabedoria, tendo poder de decisão. Todavia, nas sociedades ocidentais, normalmente isso não acontece, sendo o idoso excluído por já não ser um indivíduo produtivo e por ter passado a idade reprodutiva (em especial as mulheres), daí que perca poder decisório e de atuação.

Neste contexto, Hugman (1999) defende que se deve fazer distinções categóricas, pelo que identifica os *old-old* (física e psicologicamente frágeis) e os *young-old* (com mais atividade, com dinamismo na comunidade), assim como a noção de *gray-power*. Este conceito sustenta a ideia de que, com o aumento da esperança média de vida, a noção de “idoso” e de “envelhecimento” toma outra dimensão, sobretudo nas novas gerações. Significa que este contingente representa um potencial de capital humano/social ao nível das escolhas de consumo, das necessidades culturais, da posição cada vez mais em destaque que vai ocupando em posições de decisão (por exemplo, quando prolongam a vida ativa no plano profissional, ou em grupos/associações de natureza diversa – cultural, filantrópica, de defesa dos direitos dos mais velhos, etc.). Fonseca (2006) reconhece e aplica esta conceptologia, discutindo se se deve considerar, além da 3.^a idade, que anteriormente abarcava toda a vida do idoso, a 4.^a idade, a qual se refere de facto ao envelhecimento no estágio último da vida do indivíduo.

Estas e outras reflexões sobre a geografia da idade, do envelhecimento e a sua relação com a perceção corporal (do ponto de vista individual e coletivo), muito têm e estão a intrigar os investigadores científicos, que têm produzido

e irão produzir cada vez mais estudos neste sentido. Mas não é só a comunidade acadêmica que está a intrigada com todas as questões levantadas em torno deste assunto. Também a literatura tem contribuído, numa perspectiva hipotética, para intensificar esta discussão, colocando à disposição hipóteses aparentemente irrealizáveis sobre o tema do envelhecimento populacional. Nesse sentido, parece ser pertinente a análise de determinadas perspectivas literárias, tendo em conta alguns dos pressupostos teóricos já analisados.

Perspetivas geográficas do envelhecimento em territórios literários

As três obras em análise foram escritas em tempos e espaços geográficos diferenciados, por autores que expressaram diferentes formas de entender o fenómeno do envelhecimento, do ponto de vista ficcional.

O “Estranho caso de Benjamin Button”, um conto escrito por F. Scott Fitzgerald, foi publicado pela primeira vez em 1922. Especula-se que a ideia para a composição da história terá derivado de um desabafo de Mark Twain, o qual lamentou que a melhor parte da vida fosse o início e a pior o fim. Tendo essa ideia-chave como ponto de partida, Scott Fitzgerald resolveu então inverter o percurso da existência e apresenta Mr. e Mrs. Roger Button, os quais, no desejo de serem pais, deram à luz um rapaz – Benjamin Button. Tudo teria um percurso normal e regular, similar ao de qualquer outro casal em idade fértil, não fosse o caso de o “bebé” ter nascido de facto como um homem de 70 anos, com todas as características físicas e peculiaridades de um indivíduo dessa idade.

“– Bem – perguntou Mr.Button, ofegante –, qual é o meu [bebé]? (...)

Os olhos de Mr.Button seguiram o dedo estendido, e eis o que viu: embrulhado num volumoso cobertor branco, e parcialmente entalado num dos berços, estava um velho que aparentava cerca de 70 anos de idade. (...)

– Estarei doido? – berrou Mr. Button, cujo terror se transformara em fúria.

– Isto é alguma horrível brincadeira de hospital? (...)

E não sei se o senhor é louco ou não [disse a enfermeira]... mas este é, sem sombra de dúvida, o seu filho.”

(Fitzgerald, 2008: 13)

Após o primeiro momento de espanto, há uma aceitação do facto e Benjamin tem oportunidade de realizar um percurso de vida “ao contrário”. O *ageism* face à velhice, definido por Valentine (2001), torna-se evidente na primeira fase de vida da personagem, pelo que se destacam dois momentos em particular. O primeiro, no hospital, onde o corpo médico manifesta repugnância pelo facto de Mrs. Button ter dado à luz um bebé com um aspeto tão invulgar, preocupando-se imenso com as consequências para a reputação da instituição; o segundo, mais tarde, quando entra para a Universidade de Yale e vê vedada a frequência do estabelecimento por, aparentemente, ser demasiado velho para isso.

“– Tenho muito prazer em conhecê-lo, Mr.Button. Estou à espera do seu filho de um momento para o outro.

– Sou eu! – explodiu Benjamin. – Sou um caloiro.

– O quê?

– Sou um caloiro. (...)

– Como é possível, se Mr.Benjamin Button está aqui registado como tendo dezoito anos?(...)

– Tenho dezoito anos – repetiu.(...)

– O atrevimento! – gritou. – Um homem da sua idade a tentar entrar aqui como caloiro. Com que então dezoito anos? Pois bem, dou-lhe dezoito minutos para sair da cidade. (...)

Foi o maior erro que o Yale College jamais cometeu...”

(ob. cit.: 35-37)

Ou seja, pela aparência física, partiu-se do princípio de que Benjamin não teria capacidades físicas e psicológicas para frequentar a universidade, acesso que lhe foi negado sem se averiguar sobre as verdadeiras capacidades do candidato. Atualmente, o sistema de ensino universitário acolhe estudantes

de diversos grupos etários, entre os quais indivíduos em idade de reforma que, realizando disciplinas isoladas ou níveis de ensino como a Licenciatura, Mestrado ou Doutorado, procuram valorizar os conhecimentos adquiridos ao longo da vida, readquirindo renovadas competências. A sua presença em turmas heterogêneas do ponto de vista etário, são uma mais-valia para o professor e para os colegas mais novos, pois enriquecem o debate e as reflexões com ideias diferenciadas, fruto de uma experiência de vida mais alargada. Neste caso (e veja-se o contexto sociocultural e temporal em que o livro foi escrito), Scott Fitzgerald aproveita esta metáfora para criticar uma sociedade fechada, a qual não admite ver para além das aparências, afastando como que numa perspetiva eugénica, quem não apresenta o perfil desejado para determinados tempos-espacos-circunstâncias. Valentine (2001), numa geografia do(s) corpo(s), refere que o espaço se encontra condicionado no sentido antagónico – vocacionado *versus* interdito – a determinadas idades. Mais adiante na história, Benjamin cresce, começa a trabalhar no negócio de família, casa, tem um filho, e entretanto continua o seu “processo de rejuvenescimento”. E embora, em determinada idade (meia-idade?) se “encontre” com a esposa, a partir daí ela começa a envelhecer e ele a ser cada vez mais novo, sendo díspares os seus interesses (por exemplo, a dança). Com cinquenta anos inscreve-se na Universidade de Harvard, dez anos depois de o filho aí se ter formado e, dessa vez, ninguém lhe pergunta pela idade, dada a sua aparência física. A história termina com a esposa idosa a tratar do marido criança, que vai perdendo capacidades pois regride até ao ponto do recém-nascido, pronto para adquirir todas as capacidades e competências inerentes a um ser humano, até regressar a um estágio próximo daquilo que seria o da presença no ventre materno e morrer.

Nesta perspetiva de evolução, Scott Fitzgerald fez uma reflexão brilhante sobre o que Pain, *et al.* (2001) chamam os “grupos de franja” – as crianças e os idosos. Apesar das diferenças etárias e da posição no curso da vida, trata-se de contingentes economicamente dependentes, pouco aptos do ponto de vista físico e social e que usam mais certos serviços (por exemplo, de saúde), relativamente aos adultos. Significa que, independentemente de se alterar a

posição dos “extremos do ciclo de vida” na lógica de Mark Twain, o sentido da dependência se mantém, exacerbando-se por isso o poder do grupo dos adultos, no auge das capacidades físicas e mentais, e por isso sendo “os dominantes”. Refira-se ainda que esta história coloca em destaque a reflexão paralela sobre o que Rosa (2012) define como envelhecimento biopsicológico. Sendo um reflexo do envelhecimento cronológico, distingue-se por ser vivido por cada indivíduo de forma diferente, dependendo das condicionantes genéticas, gênero, vivências, hábitos. Cita Cícero, o qual afirmava que “a velhice, longe de ser débil e inerte é, pelo contrário, laboriosa, sempre empenhada em fazer ou planejar coisas novas, segundo a natural propensão de cada um na vida passada” (ob. cit.: 20). Benjamin rejuvenesce durante a velhice, apresentando-se como um indivíduo pleno nas suas capacidades físicas e intelectuais. Scott Fitzgerald parece evidenciar uma linha anti-preconceitual, através da construção de uma metáfora que coloca como elemento central um homem de idade avançada a realizar atividades que seriam adequadas a alguém mais jovem, tendo a personagem uma aparência corporal capaz de tais realizações. Desta constatação urge a pergunta: não será o corpo e a aparência um elemento perniciosamente limitador e enganador das verdadeiras capacidades dos indivíduos?

Oscar Wilde também reflete sobre a resposta a esta questão ao escrever “O Retrato de Dorian Gray”, publicado pela primeira vez em 1890, e onde o autor discute o tema do envelhecimento ligado às alterações do corpo, à suposta e relativa perda de beleza.

Dorian Gray é um jovem de invulgar formosura e que revela uma obsessiva preocupação em mantê-la. A relação que estabelece com Lorde Henry Wotton, uma personagem cínica e tendencialmente hedonista, acentua-lhe a inquietação, uma vez que é despertado para um conjunto de valores a seguir, que se baseiam na preservação daquilo que é belo e do prazer, desprezando tudo o resto. O climax desta visão ocorre quando o pintor londrino Basil Hallward conhece Dorian e, fascinado pela sua beleza, o convida a posar para ele. Perante a observação do produto final – um quadro de rara qualidade onde a figura do jovem se destaca pela rara beleza – o destino próximo de Dorian Gray passa pela tentativa de manutenção das características corporais.

“Que tristeza! Eu serei velho, horrível, disforme, mas este retrato permanecerá sempre jovem. Nunca terá mais idade do que este dia exacto de Junho... Mas se pudesse ser ao contrário! Se eu ficasse sempre jovem e o retrato que envelhecesse! Era capaz... era capaz de dar tudo por isso! Sim, não há nada no mundo que eu não desse! Até a alma!” (Wilde, 2003: 31).

A obra fá-lo acentuar este pensamento, o qual se torna maníaco a ponto de destruir tudo e todos à sua volta, sendo que no centro do seu projeto de vida se torna a busca da juventude. Dorian Gray, com a passagem do tempo, repara num fenómeno perturbador, o qual irá acentuar esta patologia: ele permanece jovem, o retrato envelhece.

“Hora após hora e semana após semana, o retrato na tela ia envelhecendo. Poderia escapar à fealdade do pecado, mas estava condenado à fealdade da idade. As faces tornar-se-iam secas e flácidas. Pés de galinha amarelados trepariam pelos olhos esmaecidos que pareceriam horrorosos. O cabelo perderia o seu brilho, a boca abrir-se-ia num bocejo ou desfaleceria abatida, seria ridícula ou obscena, como são as bocas dos velhos. Teria o pescoço enrugado, as mãos frias e de veias protuberantes, o corpo curvado que recordava no avô que tão severo fora para com ele na sua infância. Era preciso esconder o retrato, não havia nada a fazer” (ob. cit.: 123).

Esta metáfora na história vai ao encontro das ideias de Valentine (2001), a qual refere, tal como havia sido discutido, que o corpo é cada vez mais entendido como um projeto de entidade individual, na relação com o individualismo hedonista, o qual se reflete na preocupação com a imagem, seja em termos estéticos ou por motivos de saúde. Mas Oscar Wilde introduz um elemento novo: a personagem sente necessidade absoluta de esconder a pintura cuja figura envelhece. À primeira vista é-se tentado a pensar que tal artefacto se deve à preocupação em ocultar do público um segredo tão incompreensível como tétrico. Porém, a ideia de esconder o envelhecimento pode ser entendida na perspectiva discriminatória, de limitação do elemento idoso a certos espaços, do confinamento a territórios de exclusão. Nesse sentido Heasman, *et al.* (s/d) referem que a discriminação etária ocorre quando uma decisão acerca de um indivíduo é única e exclusivamente motivada pela sua idade, seja ela a crono-

lógica/biológica ou a perfeccionada, e portanto que não corresponde de facto à realidade. Tal como outras formas de segregação, o *ageism* revela um padrão de comportamento injusto que se pode expressar através de atos prejudiciais (por exemplo, de limitação espacial).

No final assegura-se um desfecho fatal.

“Dantes sentia prazer em mudar e envelhecer. Ultimamente já não desfrutava de tal prazer. (...) Era para si como uma consciência. (...) Iria destruí-la. Pegou na faca e golpeou o retrato. Ouvia-se um grito e um baque. O grito foi tão terrível na sua agonia que os criados, aterrados, acordaram e saíram dos seus quartos. (...) Quando entraram [no quarto onde estava Dorian Gray], encontraram, pendurado na parede, um magnífico retrato do patrão como o tinham visto na última vez, em todo o esplendor da sua delicada juventude e beleza. Jazendo no chão estava um homem morto, de casaca, com uma faca no coração. Um homem mirrado, engelhado, com uma cara hedionda. Só depois de lhe examinarem os anéis é que descobriram quem era” (Wilde, 2003: 222-223).

Esta consciencialização retardativa do processo de envelhecimento, acaba por atribuir à personagem um sentimento de culpa por não ter assumido a imposição biológica temporal, o que o levou à inadaptação face ao prolongamento da juventude. Esta situação pode revelar uma certa noção de *ageism* do individuo idoso, de auto-exclusão quanto a si mesmo, ao estabelecer limites sociais e comportamentais face ao número de anos vividos. Dorian Gray acaba por se deixar martirizar pela voz da consciência, que é ele mesmo, a qual lhe promove sentimentos de culpa por não estar/ser/sentir como um idoso que é, ou seja, tal como refere Fonseca (2006), perpetuam-se estereótipos sobre a velhice que derivam de falsos pressupostos sobre a idade sociocultural, o que leva à utilização de rótulos como por exemplo ser “uma pessoa de idade”. Neste caso, a personagem sente que o prolongamento da vida e do período de juventude parece não fazer sentido, uma vez que é o próprio individuo que nas diferentes idades se limita a padrões comportamentais e sociais predefinidos, sem desenvolver um adequado sentido crítico.

No que diz respeito a esse assunto a obra de José Saramago “As intermitências da morte”, publicado pela primeira vez em 2005, resolve um dos enigmas

mais prementes da humanidade – a morte – de uma forma surpreendente e descomplicada: cessa-a e, conseqüentemente, prolonga a vida da população de forma quantitativa.

“No dia seguinte ninguém morreu. O facto, por absolutamente contrário às normas da vida, causou nos espíritos uma perturbação enorme (...), basta que nos lembremos que não havia notícia nos quarenta volumes da história universal (...), de ter alguma vez ocorrido fenómeno semelhante, passar-se um dia completo, com todas as suas pródigas vinte e quatro horas (...), sem que tivesse sucedido um falecimento (...)” (Saramago, 2005: 13)

Este é um romance constituído por duas partes, sendo que para o contexto em causa apenas se irá abordar a primeira. Depois de toda uma população se aperceber da cessação da morte, vivem-se momentos de plena euforia, pois está-se perante a possibilidade da vida eterna. Este cenário ideal, vivido no momento imediato à constatação do fenómeno, em breve levará a uma situação de rutura que pouco antes estes indivíduos esperaram viver, uma vez que o decurso da vida não parou, e a idade biológica continuou a decorrer através da evolução/degeneração dos sistemas vitais do organismo humano numa perspectiva quantitativa e não qualitativa (Fonseca, 2006). José Saramago chama atenção para a necessidade de construção de estruturas que pudessem albergar todos os idosos em situação vegetativa, já que se a morte não surgisse novamente, todos os seres humanos acabariam por permanecer dessa forma, mais dia, menos dia.

“Seria multiplicar os lares do feliz ocaso (...), construindo de raiz grandes edifícios, com a forma de pentágono (...), primeiro bairros, depois cidades, depois metrópoles, ou, usando palavras mais cruas, cemitérios de vivos (...), pois os seus dias não teriam fim (...). Multidões de pais, avós, bisavós, trisavós, tetravós, pentavós, hexavós, e por aí fora, *ad infinitum* (...)” (Saramago, 2005: 33, 34).

Este fenómeno vai-se revelar, a curto prazo, incomportável tanto na dimensão individual como coletiva, sendo difícil dar resposta às necessidades específicas dos mais velhos, com patologias degenerativas, com necessidade de cuidados continuados a uma população que estava a manter os mesmos padrões (baixos) de natalidade. Assim, na história contada por Saramago, há muitos para cuidar, mas dos quais não vai havendo quem cuide.

Há portanto dois pontos a ter em conta. Por um lado, o autor confronta-nos de forma direta com o aumento da esperança média de vida à nascença; por outro, de forma indireta, com o declínio da natalidade/fecundidade. A plataforma estatística Pordata (2013) revela dados que comprovam a notável evolução neste domínio. Em Portugal, onde parece ocorrer a trama da história, em média, em 1960, os homens viviam 61,1 anos, as mulheres 66,7 anos. Em suma, um português vivia 64 anos. Até 2012, ganhou-se quase duas décadas de sobrevivência: em média, um homem vive 77,3 anos, uma mulher 83,6 anos. Em suma, um português vive 80,6 anos. Este incremento tem trazido novos desafios à sociedade, necessariamente mais atenta ao aumento do contingente dos mais velhos; aos governos, que têm de gerir o sistema de segurança social (Eurobarometer, 2011; Rosa, 2012).

Por outro lado Saramago impele o leitor, ainda que de forma indireta, a refletir sobre a ineficaz renovação geracional contemporânea. A Pordata (2013) revela que o índice sintético de fecundidade (número médio de filhos por mulher, que deveria ser de 2,1) em 1960 era de 3,20, sendo que até 2012 esse valor baixou para 1,28. Esse baixo valor é fruto de uma taxa de natalidade (número médio de nascimentos por cada 1000 habitantes) que diminuiu de 24,1‰ em 1960 para 8,5‰ em 2012.

Entretanto a preocupação latente na primeira parte da história resolve-se, pois depois de alguns meses de cessação, a morte volta a atuar. E de repente, para a quase totalidade dos intervenientes da trama, a vida e o envelhecimento voltam a tomar as suas posições na arquitetura da existência onde os lugares das diferentes idades, numa perspetiva mais ou menos estereotipada, passam a fazer sentido.

Conclusão

O envelhecimento da população à escala mundial tem levado vários organismos nacionais e internacionais a refletir de forma mais ativa sobre o papel e a importância dos mais velhos na sociedade. A solicitação de estudos

científicos tem como objetivo conhecer melhor a realidade dos mais velhos, para que se possam delinear estratégias de atuação que promovam o bem-estar das populações idosas.

Também a literatura se tem vindo a interessar pelo assunto, pelo que as obras apresentadas revelam reflexões pertinentes por parte de três autores originários de contextos temporais e espaciais diferenciados, ligados pelo denominador comum da problemática da idade na relação estabelecida com o ser humano.

A mudança nos padrões de mortalidade, de natalidade, de fecundidade, gera desafios renovados tanto nos governos como na sociedade civil, criando necessidades, mas também gerando oportunidades baseadas no aproveitamento das competências e capacidades dos mais velhos, geradas pela riqueza da longevidade.

Bibliografia

- Eurobarometer (2013). *Active aging*. Special Eurobarometer 378/Wave EB76.2, s/l.
- Eurostat (2013). *DataBase*. <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page/portal/eurostat/home/> (acedido em Fevereiro de 2016)
- Fitzgerald, F. Scott (2009). *O estranho caso de Benjamin Button*. Lisboa: Editorial Presença.
- Fonseca, António Manuel (2006). *O envelhecimento. Uma abordagem psicológica*. Lisboa: Universidade Católica Editora, Campus do Saber 8.
- HelpAge (2013). *Global age index 2015. Insight report*. Londres: HelpAge International.
- Heasman, Kate; Lawrence, Saskia; Price, Andrew; Renton, David; Russel, Paul & Sargeant, Malcom (s/d). *Challenging Age Discrimination*. Natfhe Policy Document, Reino Unido. http://www.ucu.org.uk/media/pdf/6/g/agediscrim_1.pdf (acedido em 30/11/2013)
- Hugman, R. (1999). Embodying old age. In E. K. Teather (ed.), *Embodied Geographies: Spaces, Bodies and Rites of Passage*. Londres: Routledge, s/p.
- Leão, Carla; Ataíde, Ânia; Revés, Mafalda; Marques, Melissa & Ponte, Soraia (2010). *Globalização do envelhecimento. O caso português*. CEPESE, População e Prospectiva working papers. Porto.
- Laws, G. (1994). Aging, contest meanings and the built environment. *Environment and Planning, A* 26,1, s/l, pp. 87-802.
- Lutz, Wolfgang & Scherbov, Sergei (2008). O contributo da imigração para o futuro demográfico da Europa. In Demetrios Papademetriou, *A Europa e os seus imigrantes no séc. XXI*. Lisboa: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, pp. 244-259.
- Pain, Rachel; Barke, Michael; Fuller, Duncan; Gough, Jamie; MacFarlane, Robert & Mowl, Graham (2001). *Social Geographies*. Londres: Arnold.

- Pordata (2013). *Base de dados de Portugal contemporâneo*. <http://www.pordata.pt/Home> (acedido em 30/11/2013)
- Rosa, Maria João Valente (2012). *O envelhecimento da sociedade portuguesa*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Saramago, José (2005). *As intermitências da morte*. Lisboa: Caminho.
- Valentine, Gill (2001). *Social Geographies. Space and Society*. Edimburgo: Pearson Education.
- Wilde, Oscar (2003). *O Retrato de Dorian Gray*. Coleção Mil Folhas Público, Lisboa.